

**O ROMANTISMO EM PORTUGAL CONFORME A POESIA E A PROSA DE  
ALMEIDA GARRETT**

**ROMANTICISM IN PORTUGAL ACCORDING TO THE POETRY AND PROSE  
OF ALMEIDA GARRETT**

**Annila Carolina SILVA<sup>1</sup>**

**Jailma Aparecida da SILVA<sup>2</sup>**

**Moises Monteiro de Melo NETO<sup>3</sup>**

**RESUMO:** Este estudo tem como objetivo analisar a obra de Almeida Garrett, delimitando as produções românticas, inclusive aquelas que apresentam algumas características neoclássicas, mas que estão vinculadas ao Romantismo em Portugal e ao contexto histórico, marcado por fortes movimentos políticos daquela época. Além disso, pretende evidenciar a vida de Garrett diante das revoluções sociais pertinentes no século XVIII até o século XIX, como também observar como isso influenciou nos seus escritos. Nesse contexto a análise recai, essencialmente, sobre a primeira e segunda gerações do Romantismo português, possibilitando uma leitura do passado – pois permite entender melhor a corrente do movimento romântico em Portugal e a importância das suas características tão valorizadas até hoje por romancistas e leitores apaixonados pela cultura do seu povo, sua nacionalidade e a intensidade com que os autores demonstravam seus sentimentos, particularidades essas presentes nos escritos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Romantismo; Almeida Garrett; Poesia; Prosa

**ABSTRACT:** This study aims to analyze Almeida Garrett's prose and poetry, delimiting romantic productions, including those that present some neoclassical characteristics, but are linked to Romanticism in Portugal and to the historical context, marked by strong political movements of that time. In addition, it intends to highlight Garrett's life in the face of the pertinent social revolutions from the 18th to the 19th century, as well as observe how this influenced his writings. In this context, the analysis focuses essentially on the first and second generation of Portuguese Romanticism, enabling a reading of the past, as it allows a better understanding of the current of the romantic movement in Portugal and the importance of its characteristics so valued until today by novelists and readers passionate about their people's culture, their nationality and the intensity with which the authors demonstrated their feelings, particularities that are present in their writings.

---

<sup>1</sup> UPE – Universidade de Pernambuco. Unidade Acadêmica de Garanhuns. Garanhuns - PE - Brasil. E-mail: [annilacarolinacnn@gmail.com](mailto:annilacarolinacnn@gmail.com)

<sup>2</sup> UPE – Universidade de Pernambuco. Unidade Acadêmica de Garanhuns. Garanhuns - PE - Brasil. E-mail: [jailmasilva121@gmail.com](mailto:jailmasilva121@gmail.com)

<sup>3</sup> UPE- Universidade de Pernambuco - Campus Garanhuns. UNEAL- Universidade Estadual de Alagoas – SE – Brasil. E-mail: [moises@moisesneto.com.br](mailto:moises@moisesneto.com.br)

**KEY-WORDS:** Romanticism; Almeida Garrett; Poetry; Prose.

## 1 Introdução

O movimento romântico apresenta certo nacionalismo literário e no primeiro momento uma resistência ao classicismo greco-latino. É de salientar que, ao surgir, introduziu, nas produções literárias da época, a classe social, os valores da burguesia e o amor à pátria, mas as primeiras obras ainda tinham suas raízes presas a ideais do Neoclassicismo. Além disso, era um momento de grandes transformações no continente Europeu, pois países como França, Inglaterra e Portugal estavam enfrentando diversas mudanças sociais, assim em cada um deles o movimento adquiriu certas particularidades, como aconteceria no Brasil a partir de 1836.

O Romantismo em Portugal divide-se em três momentos: o primeiro, marcado por uma grande exaltação à pátria em que os poetas ainda estavam ligados as fortes tendências do Neoclassicismo; o segundo, compreendido como o mal do século, tendência na qual não existia contenção das emoções e os poetas se entregavam totalmente aos sentimentos mais fúnebres do eu; o terceiro momento prenunciando o Realismo. Entretanto, o recorte do nosso estudo direciona-se mais especificamente sobre a primeira e segunda gerações, a fim de compreendermos a prosa e a poesia de Almeida Garrett relacionadas a este movimento, visto que o autor é responsável por introduzir o Romantismo em Portugal e estava engajado em movimentos que defendiam a população em detrimento das forças conservadoras. As obras mostram de maneira particular esses aspectos.

Na poesia, Garrett inicia com o poema *Camões*, com uma escrita mais neoclássica, obra que evidencia símbolos nacionais com o objetivo de valorizar a pátria. Em seguida, ele escreve obras como *D. Branca e Adozinda* abordando o folclore nacional e temas medievais. *Folhas caídas* é de uma segunda fase do autor, pois apresenta poemas mais amorosos. Assim é importante analisar a poesia romântica de Garrett com base no contexto literário daquele momento, atentando para a particularidade do autor, com o propósito de compreender melhor a literatura portuguesa, mais especificamente as obras relacionadas ao movimento romântico. Em sua prosa é perceptível a oscilação entre os antigos ideais do Neoclassicismo com os do Romantismo, pois apresentam um grande saudosismo, retorno ao passado heroico e grandioso de Portugal, como também deixa nítido a cultura vasta e erudita que Almeida Garrett possuía e como suas experiências refletiam-se nelas. Suas produções expõem algumas críticas relacionadas às transformações econômicas e políticas

pelas quais o país passava na época; um aspecto importante é que o autor conseguiu inovar a prosa em Portugal com a publicação do livro *Viagens na minha terra* (1846).

Dessa forma, para entendermos o que foi esse movimento, estudaremos um pouco sobre como se difundiu em Portugal por meio das obras de Garrett, fazendo uma passagem pela vida do autor para compreender melhor seus escritos; em vista disso, foram selecionados algumas das suas principais obras para permitir o entendimento do contexto histórico e a relação com o movimento. Na poesia: *Camões* (1825), *Dona Branca* (1826), *Adozinda* (1828), *Folhas caídas* (1953) e *Folhas sem fruto* (1954). Já na prosa as obras que contribuíram para compreensão dos traços históricos da época e a modernização da prosa portuguesa foram *Viagens na minha terra* e *Arco de Santana*, mas também conheceremos um pouco mais sobre esse autor que fez tanto sucesso no seu tempo, compreendendo suas obras dentro do viés do romantismo as quais refletem as experiências e a cultura vasta de Almeida Garrett, esse autor tão versátil, erudito e detentor de muitos conhecimentos.

## **2 A origem do Romantismo em Portugal**

O Romantismo é um grande movimento literário que rompeu com a estética árcaica no século XVIII, o qual tinha como objetivo valorizar o indivíduo e seu caráter; ademais apresentar a exaltação do amor à pátria e aos símbolos nacionais, essa corrente artística valorizava a expressão da realidade transmitida através da emoção junto com a subjetividade, isto é, a opinião e a expressão do pensamento de acordo com a criatividade individual do artista era essencial. Além disso, demonstrava o culto a natureza e a necessidade de se refugiar no passado.

Nesse contexto, o movimento romântico surge no continente Europeu e provoca uma grande transformação na produção artística da época (meados do século XVIII até o século XIX). Neste período a Europa vivia a efervescência do progresso, passava por significativos movimentos políticos e sociais. Na Inglaterra acontecia a Revolução Industrial e o trabalho artesanal passou a ser realizado por máquinas, aumentando o rendimento do trabalho e consequentemente o ganho dos burgueses.

Portugal sofre uma invasão das tropas napoleônicas, o que ocasionou a fuga de D. João VI com a família real para o Brasil. Em 1789, com a Revolução Francesa motivada pela crise econômica que o governo vinha enfrentando, a população foi às ruas lutar por um sistema governamental e social mais justo, esse movimento marcou o fim do Absolutismo. Assim, Bonaparte tomou o poder e deu início a chamada *Era Napoleônica*,

conquistando vários países e decretando o bloqueio continental de vários territórios, entre eles a Alemanha, uma sociedade feudal com ideias e movimentos revolucionários tardios em relação à Inglaterra e à França, como também Portugal – nação que sofreu com a invasão napoleônica e não resistiu a força do exército francês.

Nesse contexto de fortes transformações sociais o movimento romântico surge com objetivo de criar as referências artísticas para a burguesia, ou melhor, estabelecer padrões estéticos nas obras literárias que possibilitassem o reconhecimento desses indivíduos e que diferenciasse essa classe da nobreza. Para Massaud Moisés (2012, p. 233) o Romantismo é originário da Escócia e da Alemanha, e só foi introduzido em Portugal por volta de 1825 com a publicação do poema *Camões* de Almeida Garrett.

Em Portugal estavam acontecendo vários conflitos políticos, pois com a ausência do rei D. João VI eclode a Revolução Liberal do Porto em 1820; ademais, em 1826, D. Pedro IV assume o trono e logo em seguida abdica em favor da sua filha Maria II, mas o poder é restaurado por D. Miguel em 1828. Entretanto, o absolutismo não foi aceito pelos liberais. Assim, esse descontentamento deu lugar a uma Guerra Civil, confronto entre as forças conservadoras e as liberais; era um momento de grande inquietação política que dificultava a afirmação de uma nova literatura no país.

Em vista disso, os primeiros anos do movimento romântico ainda apresentavam tendência ao classicismo, temáticas nacionalistas e ideias liberais. Nesse contexto histórico, de fortes conflitos entre liberais e conservadores, muitos indivíduos contrários às ideias conservadoras de D. Miguel, entre eles alguns escritores como Almeida Garrett, foram tratados com violência e partiram para o exílio. Garrett vai se refugiar na Inglaterra onde entra em contato com o Romantismo inglês e em seguida vai para França, lá escreve e publica o poema *Camões*.

## **2.1 Primeiro momento do Romantismo em Portugal**

O período do Romantismo em Portugal dura quarenta anos e está dividido em três momentos; segundo Massaud Moisés (2012, p. 233) o primeiro transcorre entre 1825 e 1838. Os autores responsáveis são: Almeida Garret, Alexandre Herculano e Antônio Feliciano de Castilho, tais autores estavam engajados na defesa da política portuguesa com posicionamentos que defendiam a burguesia, lutavam a favor do liberalismo e contra as forças conservadoras, isto é, por meio da arte buscavam o fortalecimento de Portugal. Na primeira fase, vemos as questões de nacionalismo, historicismo, idealismo,

sentimentalismo, alguns traços clássicos e certa preocupação com questões políticas, ou seja, nas obras difundidas nesse momento são encontradas tanto procedimentos românticos, como também vestígio da estética e do pensamento clássico. Mas cada autor apresenta de maneira particular sua nacionalidade, bem como questões de identidade nacional e de Pátria. Segundo Eduardo Lourenço:

[...] o projecto de *problematizar a relação do escritor, ou mais genericamente, de cada consciência individual, com a realidade específica e autónoma que é a Pátria*. E como o laço próprio que une o escritor, enquanto tal, à sua Pátria, é a *escrita*, a problematização dessas relações é antes de tudo problematização da *escrita*, nova ou inovadora maneira de falar a Pátria escrevendo-a em termos específicos, como o autor das *Viagens* o fará com sucesso raro [...]. A partir de Garrett e Herculano, *Portugal*, enquanto realidade histórico-moral, constituirá o núcleo da pulsão literária determinante (1988, p. 86-87).

Porque, a escrita permitiu a união dos autores com a sua Pátria, pois por meio das obras literárias Garrett e Herculano apresentam em seus textos o modo como a literatura é realizada, melhor dizendo, promovem a reflexão sobre a escrita do movimento literário, através da consciência individual de cada autor relacionada ao contexto histórico do seu país. Então, o momento de grande estabilidade política em Portugal, a exaltação da Pátria e da naturalidade são temas pertinentes nos textos escritos durante a primeira geração do Romantismo em Portugal. Percebemos que os autores apresentam em suas obras o modo como a literatura é realizada, melhor dizendo, promovem a reflexão sobre a escrita do movimento literário. Assim, os textos poéticos e a prosa de Almeida Garrett exemplificam muito bem os ideais e a exaltação dos valores nacionais e as transformações do período em questão.

## **2.2 Do segundo momento do Romantismo em Portugal**

Diferente da primeira fase, a segunda é marcada pelo exagero sentimental, cultivado por escritores — os ultrarromânticos — que admiravam os sentimentos arrebatadores, o isolamento da sociedade ao defender princípios morais e éticos, isto é, imaginavam um herói romântico que lutava por valores incorruptíveis como a honestidade, o amor, o direito e a liberdade. Dessa forma, as obras produzidas entre 1838 e 1860 apresentam o exagero do subjetivismo e do sentimentalismo; logo, é considerada como a fase que atingiu o pleno desenvolvimento das características românticas.

Tais produções apresentam o tédio, a melancolia, o devaneio, o sonho, o desejo da morte, assim os poemas marcados pelo mal do século, expressavam um sentimento de dor,

um culto ao amor perfeito à figura de uma amada idealizada, numa fuga à realidade social, ou seja, apresentavam sonhos inatingíveis, temas fúnebres, depressivos e melancólicos que provocavam uma grande inquietação na mente dos homens e levavam muitos jovens a cometer suicídio. Os principais escritores portugueses que abraçaram e fizeram parte desse momento foram Camilo Castelo Branco e Soares de Passos, este foi responsável por contribuir com a poesia ultrarromântica e aquele com a prosa.

### **3 Compreendendo a trajetória de Almeida Garrett**

Antes de conhecer a história de Garrett é relevante salientar que ele foi um importante escritor português, político e dramaturgo que contribuiu na renovação da literatura portuguesa, com suas poesias, prosas de ficção e peças teatrais, mas também teve o mérito de ser considerado o precursor do Romantismo em Portugal.

João Batista da Silva Leitão, porém mais conhecido pelo apelido Almeida Garrett, nasceu na cidade do Porto em 4 de fevereiro de 1799. O escritor era filho de burgueses, o pai se chamava Antônio Bernardo da Silva e era funcionário da Alfândega e proprietário na Ilha dos Açores, já a mãe era descendente de imigrantes brasileiros e se chamava D. Ana Augusta de Almeida Leitão.

Garret viveu em um período conturbado em Portugal, marcado por muitas revoluções e mudanças políticas, as quais o fizeram conhecer desde cedo o exílio. Sua primeira retirada ocorreu quando as tropas de Napoleão invadiram Portugal, pois o país não quis participar do bloqueio continental; em vista disso, foi juntamente com sua família morar em Lisboa e, por volta 1808, na Ilha de Açores, ele iniciou seus estudos tendo como instrutor seu tio D. Frei Alexandre, foi por meio desses ensinamentos que ele teve uma ótima formação vernácula com importantíssimos princípios do Classicismo com os quais iniciou a carreira eclesiástica. Porém, Garrett não tinha vocação para essa vida sacerdotal, assim abandonou-a e voltou para Lisboa com dezesseis anos e matriculou-se no curso de direito na Universidade de Coimbra.

No ambiente acadêmico, apesar de ter sido educado dentro do regime absolutista, Garrett abraçou as ideias liberais as quais influenciaram fortemente sua atividade política. Assim, interessando-se pela causa, participou em 1818 com outros colegas de uma sociedade secreta e do movimento que reivindicava o direito de voto dos estudantes, lutando contra as perseguições de professores absolutistas. Durante essa fase acadêmica, Garrett escreveu poemas e peças teatrais com fortes influências do neoclassicismo,

características as quais ele jamais abandonara, mas também se dedicou as leituras de escritores franceses como Chateaubriand, Alfieri e Ducis.

Em 1821, quando concluiu o curso de Direito, foi para Lisboa, teve encenada sua tragédia *Catão* e no ano seguinte publica sua obra *Retrato de Vênus*, bastante criticada pela imprensa conservadora e denunciada em tribunal por José Agostinho de Macedo, pois foi considerada imoral e cheia de obscenidades, mas nosso autor conseguiu se defender brilhantemente e foi absolvido. Porém, mais uma vez, o autor se envolve em outro escândalo ao se casar com uma jovem de apenas quinze anos, Luísa Cândida Midosi.

Entretanto, Garrett passa pouco tempo ao lado da sua esposa, pois em 1823 devido à contrarrevolução absolutista (*vilafrancada*) qual instaurou mais uma vez o absolutismo em Portugal, o escritor foge para a Inglaterra. A partir da leitura de obras importantes de escritores românticos da literatura inglesa, como Walter Scott, Shakespeare e Lord Byron, vai apurando sua escrita. Posteriormente foi para a França onde escreveu o já mencionado épico *Camões*, marco importantíssimo para a introdução do Romantismo em Portugal, no ano 1825. Em seguida, *Dona Branca* (1826), sobre a Infanta D. Branca Afonso, filha primogênita de Afonso III de Portugal e de Beatriz de Castela (1259), de Santarém, herdeira de extenso patrimônio, em Portugal e Castela, peça importante nas relações entre os dois Reinos, sob responsabilidade do irmão D. Dinis, de missões diplomáticas, como nas negociações que antecederam o Tratado de Alcanices.

Apesar de o escritor ter conhecido o movimento literário, nunca se considerou um romântico, passou apenas a mesclar características dessa manifestação artística com os preceitos do arcadismo em suas obras, como veremos posteriormente ao analisar suas produções. Restaurado o poder liberal em Portugal, com a carta constitucional outorgada por D. Pedro IV, em 1826, o poeta retorna a sua terra natal. A partir disso, dedica-se ao jornalismo e a política, porém dois anos depois, teve de exilar-se novamente para a Inglaterra, porquanto D. Miguel dissolveu as cortes constitucionais e reassumiu o poder, em 1828. Durante sua estadia em Londres, Almeida Garrett funda um Jornal político, denominado *O precursor*, o qual convocava todos os liberais a se reunirem com D. Pedro. Em vista disso é organizada na França, em 1832, uma expedição militar contra as tropas de D. Miguel, a qual Garrett participa como soldado. É durante esse período que ele inicia o romance histórico *O arco de Santana*. Citamos isto pois algo da sua vida ecoa em sua obra.

No ano de 1833, com a derrota de D. Miguel em Évora Monte e a vitória dos

Liberalistas, os portugueses que estavam exilados em outros países, inclusive Almeida Garrett, retornam à sua pátria. Porém, a situação do artista não era favorável, pois volta pobre e desempregado. No entanto, é rapidamente convidado a participar de uma comissão para reformular o ensino em Portugal, também é encarregado de negócios com o governo da Bélgica e torna-se cônsul-geral em Portugal. Vemos nisso algo da importante proposta, bem como uma das características da obra do autor: este amor e dedicação à sua pátria. Durante esse período ele deteve-se em estudos da língua e literatura alemã.

Depois de todos esses acontecimentos, ele se separa da sua mulher Luísa Midosi, no ano de 1836, engaja-se em cargos públicos, recebendo o título de visconde, e se elege deputado. Casa-se com Adelaide Pastor e, posteriormente, ela fica grávida e lhe dá uma filha, Maria Adelaide. Em novembro do mesmo ano é convidado para fazer um plano de restauração do teatro e funda o Conservatório de Arte Dramática e o Teatro Nacional; em virtude disso, o autor elabora algumas peças entre elas *Um auto de Gil Vicente*, mas também produz outras peças: *D. Felipa de Vilhena* (1840), *O Alfageme de Santarém* (1842) e *Frei Luís de Sousa* (1843). Essas renovações no teatro português contribuíram no afastamento das tragédias que eram importadas da França e da Itália para serem encenadas em Portugal. Observamos novamente temas históricos na obra do autor.

Em 1842, é reeleito deputado e participa ativamente na atividade parlamentar, interferindo na reforma do ensino de Portugal e agindo contra o aumento dos impostos, durante o governo de Costa Cabral. Depois de inúmeras nomeações e participação em diversos cargos políticos em Portugal, Garrett abandona a carreira de parlamentar, vai viver ao lado de sua filha Maria Adelaide e morre em Lisboa, dia 9 de dezembro, em 1854.

#### **4 A poesia de Almeida Garrett**

Ao estudar a relação entre a poesia, a sociedade e o poeta Almeida Garrett é possível encontrarmos o idealismo e a preocupação com questões históricas como um dos principais aspectos da poesia lírica do primeiro momento do Romantismo. Nesse contexto, segundo Massaud Moisés (1962, p. 130) a poesia garrettiana constitui uma espécie de reportagem biográfica; visto que é pertinente a retomada de personagens medievais e a exaltação da pátria. Os poemas de Garrett são muito importantes para compreender a consciência de nacionalidade e da cidadania, pois eles salientam uma leitura do passado a fim de recuperar a identidade portuguesa por meio da introdução de personagens históricos, como mencionamos. Suas obras poéticas vão desde *Retrato de Vênus* (1821),

*Lírica de João Mínimo* (1829), na fase arcádica, até temas medievais e quinhentistas, ou seja, mais filosóficos e sociais durante o romantismo, como *Camões* (1825), *D. Branca* (1826), *Adozinda* (1828), que foi incorporada ao *Romanceiro e cancionero geral* (1843-1851), e, por fim, aquelas que apresentam característica mais relacionada ao amor como *Flores sem frutos* (1845) e *Folhas caídas* (1853).

#### 4.1 O famoso poema *Camões*

Nesse contexto, o poema *Camões* é considerado o marco inicial do Romantismo em Portugal, escrito e publicado em Paris durante o exílio de Garrett motivado pelo contragolpe dos conservadores liderados por D. Miguel a Vila-Francada em 1823. A obra é composta por 3.704 versos divididos em 10 Cantos e escrito em decassílabos brancos, considerado como poema narrativo, tem a vida de Luís Vaz de Camões como tema, ademais destaca o momento em que escreveu *Os Lusíadas*, o romance com Natércia e seus últimos anos de vida na mais completa pobreza vivendo com ajuda e proteção da igreja junto ao seu amigo o escravo Jau.

Na primeira edição, no prólogo da obra, Almeida Garrett já adverte que os traços característicos do poema *Camões* são novos, além disso, declara que não é clássico nem romântico como demonstra o trecho:

A indoled' deste poema é absolutamente nova; e assim não tive exemplar a que me arrimasse, nem norte que seguisse *pormáres nunca d'antes navegados*.

...não sou clássico, nem romântico: de mim digo que não tenho seita, nem partido em poesia (GARRETT, 1858, p. XII - XIII).

Porém, sabe-se que Garrett participou da Revolução Liberal do Porto e emigrou para o exílio na Inglaterra, assim o autor entrou em contato com o Romantismo, o que favoreceu o surgimento das suas obras com traços da nova escola literária de tal maneira que, em 1824, já na França, começa a escrever *Camões* que apesar de trazer características do Neoclassicismo como vocábulo culto e racionalismo. Entretanto, o livro apresenta muitos traços novos, por exemplo: o culto à saudade, exaltação da pátria e à figura de Camões como herói nacional.

Notamos que na produção da obra Garrett utiliza um estilo digressivo, pois muitas vezes não é possível identificar qual a voz do autor e a do personagem, visto que ambos compartilharam semelhanças tanto biográficas quanto relacionadas ao contexto sócio-político; além do mais, utiliza o sentimentalismo, nacionalismo e o idealismo ao expressar

a realidade interior e parcial. Assim, inicia o poema com a palavra saudade, demonstrando a sensação de afastamento da pátria, a cruel separação de Camões e seu amor Natércia, ou seja, a mistura de sofrimento e dor compartilhada por todos os portugueses que naquele momento tiveram que deixar sua terra e sua família; além disso, retoma o vocábulo várias vezes intensificando o sentimento de perda como demonstra o canto primeiro:

Saudade! gosto amargo de infelizes,  
 Delicioso pungir de acerbo espinho,  
 Que me estás repassando o íntimo peito  
 Com dor, que os seios d'alma dilacera,  
 — Mas dor que tem prazeres — Saudade!  
 Misterioso númen, que aviventas  
 Coração que estalaram, e gotejam  
 Não já sangue de vida, mas delgado  
 Soro de estanque lágrimas — Saudade!  
 Mavioso nome que tão meigo soas  
 Nos lusitanos lábios, não sabido  
 Das orgulhosas bocas dos Sicambros  
 Destas alheias terras — Oh Saudade!  
 Mágico numen, que transportas a alma  
 Do amigo ausente ao solitário amigo,  
 Do vago amante à amada inconsolável,  
 E até do triste do infeliz proscrito,  
 — Dos entes o misérrimo na terra —  
 Ao regaço da pátria em sonhos levas,  
 — Sonhos, que são mais doces do que amargo,  
 Cruel é o despertar! — Celeste numen.  
 Se ia teus dons cantei e os teus rigores  
 Em sentidas endeixas, se piedoso  
 Em teus altares húmidos de pranto  
 Depus o coração, que inda arquejava  
 Quando o arranquei do peito malsofrido  
 Á foz do Tejo, — Ao Tejo, ó deusa, ao Tejo  
 Me leva o pensamento, que esvoaça  
 Tímido, e acovardado entre os olmedos  
 Que as pobres águas d'este Sena regam,  
 — Do outrora ovante Sena (GARRETT, 1858, p. 1-2).

Nesse trecho, é nítida a criatividade e produção crítica de Garrett, pois com o exílio o autor ficou comovido e com sentimentos de falta; a distância e amor à Pátria permitiram sentir saudade. Assim, por meio deste vocábulo Garrett realiza a recriação idealizada de símbolos nacionais, pois para ele saudade era uma palavra admirável que tinha o poder de transportar em pensamento o degradado a sua pátria, o amigo afastado ao solidário e o amante à amada inconsolável. Nesse universo, o autor relembra sua nação com carinho, devoção à pátria e orgulho dos símbolos nacionais, pois demonstra sentimento de prazer ao recordar, como também patriotismo ao mencionar lembranças do Rio Tejo, grande símbolo

do nacionalismo português, lugar de onde partiram as caravelas que impeliram ao descobrimento de novas terras, o imperialismo português, é visto aqui de modo ufanista.

Como também, no final do livro, em notas ele exalta a pátria contribuindo para consciência nacional, pois ele mesmo diz em uma nota no final da obra:

A palavra saudade é porventura o mais doce, expressivo e delicado termo de nossa língua. A ideia, o sentimento por ele representado, certo que em todos os países o sentem; mas que haja vocábulo especial para o designar, não o sei de nenhuma outra linguagem senão a portuguesa. (GARRETT, 1858, p.189).

Nesse trecho, fica-nos evidente a valorização da sua nacionalidade por meio da língua portuguesa, pois exprime que o vocábulo saudade é a palavra mais delicada de sua língua e que em todos os países os indivíduos sentem esse sentimento, porém apenas no português há vocábulo para representá-lo. Dessa maneira, a distância do país e a saudade permite recriar de forma idealizada os símbolos nacionais, qualidade pertinente na primeira geração do Romantismo.

O poema coloca em evidência a figura de Camões como herói nacional ao demonstrar sua trajetória e a herança cultural que deixou para Portugal e para o mundo. Além disso, Garrett demonstra a identificação da sua vida com os últimos anos de existência do autor de *Os Lusíadas* ao apresentar Camões como uma grande figura histórica, que deixou importantes obras para cultura de Portugal, mas não foi dignificado pela pátria e terminou seus dias pedindo esmola, ou seja, é um herói individual que representa um todo unitário nacional. Do mesmo modo, Almeida Garret foi um grande escritor, pois contribuiu significativamente para literatura Portuguesa, e assim como Camões, foi desterrado do seu país e abandonado por ele, visto que Garrett estava envolvido com a luta liberal do seu tempo e foi forçado a deixar sua nação. Logo, em um momento de grandes transformações sociais ambos os literatos ficaram desamparados e desassistidos em sua terra natal, como demonstra o trecho:

— «Oh! Consolar-me» exclama, e das mãos trémulas  
A epístola fatal lhe cai: «Perdido  
É tudo pois!... «No peito a voz lhe fica;  
E de tamanho golpe amortecido  
Inclina a frente... como se passara,  
Fecha languidamente os olhos tristes.  
Ansiado o nobre conde se aproxima  
Do leito... Ai! Tarde vens, auxílio do homem.  
Os olhos turvos para o céu levanta;  
E já no arranco extremo: — « *Pátria, ao menos  
Juntos morremos...* » E expirou coa pátria.  
«Onde jaz, Portugueses, o moimento

Que do imortal cantor as cinzas guarda?  
 Homenagem tardia lhe pagastes  
 No sepulcro sequer... Raça d'íngrats!  
 Nem isso! Nem um túmulo, uma pedra,  
 Uma letra singela! — A vós meu canto,  
 Canto de indignação, último acento  
 Que jamais sairá da minha lira,  
 A vós, ó povos do universo, o envio (GARRETT, 1858, p. 125-126).

Com base no trecho acima, é perceptível que o Romantismo se encontra presente na obra, pois demonstra a tristeza do herói diante da saudade da amada, sobre tudo apresenta o amor à pátria e retrata um Camões que, enquanto vivo, não foi reconhecido a altura pela sociedade diante de tamanha contribuição cultural que deixou para o país.

#### **4.2 D. Branca e Adozinda**

Em seguida, Garrett escreve *D. Branca*, este poema, segundo Carlos Reis e Maria da Natividade Pires (1999, p. 59) foi uma homenagem concedida a Filinto Elísio, pois remete ao poeta pré-romântico, já falecido. Filinto Elísio é muito admirado por Garrett e, assim como ele, permaneceu um tempo exilado. A obra evidencia uma série de características românticas, pois assim como *Camões* apresenta fatos inovadores, sentimentalismo, dez cantos, versos decassílabos brancos e estímulo ao patriotismo. Ademais, o autor encontra-se livre para recriar a história da filha de Afonso III, os amores da personagem; além disso, introduziu pela primeira vez temas medievais e utilizou o folclore nacional em lugar da mitologia clássica. Assim como em *Adozinda* e no *Romanceiro geral*, Garrett reafirma a base nacionalista e começa a valorizar a mitologia nacional, o que o torna referência importante do nacionalismo literário em Portugal.

#### **4.3 Flores sem frutos e a obra prima da poesia portuguesa: Folhas caídas**

Nesse contexto, a lírica-amorosa de Garrett ocorre com mais intensidade depois de *Flores sem frutos*, coletânea que abrange os valores e a espontaneidade e faz referência a outros poetas, pois essa obra marca a evolução de Garrett de uma poesia mais social para uma cada vez mais intensa e confessional. Assim, é em seu último livro, *Folhas caídas*, que aparece o romantismo mais explícito da poesia de Garrett, porque fala de um estado passional permanente, em que a tensão, a raiva e a saudade alternam-se como fonte de inspiração como podemos observar nos versos:

**Destino**

Quem disse à estrela o caminho  
 Que ela há-de seguir no céu?  
 A fabricar o seu ninho  
 Como é que a ave aprendeu?  
 Quem diz à planta «Florece!»  
 E ao mudo verme que tece  
 Sua mortalha de seda  
 Os fios quem lhos enreda?

Ensinou alguém à abelha  
 Que no prado anda a zumbir  
 Se à flor branca ou à vermelha  
 O seu mel há-de ir pedir?  
 Que eras tu meu ser, querida,  
 Teus olhos a minha vida,  
 Teu amor todo o meu bem...  
 Ai!, não mo disse ninguém.

Como a abelha corre ao prado,  
 Como no céu gira a estrela,  
 Como a todo o ente o seu fado  
 Por instinto se revela,  
 Eu no teu seio divino.  
 Vim cumprir o meu destino...  
 Vim, que em ti só sei viver,  
 Só por ti posso morrer  
 (GARRETT, 2019, p. 11).

O poema relata as ilusões amorosas, apresenta um tom confessional e exibicionista relacionando assim a força do amor que eu-lírico vivia com Rosa Montúfar, esposa do oficial do exército, Joaquim Antônio Vélez Barreiros. Ademais, promove uma reflexão ao assemelhar o comportamento da natureza com os sentimentos do homem, o eu-lírico compara os seus sentimentos como as ações dos animais e das plantas, pois evidencia que ambos não podem ser controlados cabendo apenas cumprir o destino de viver e morrer por amor. Além disso, é composto por três estrofes de oito versos cada, utiliza o esquema de rima cruzado (ABAB) nos primeiros quatro versos de cada estrofe e a rima emparelhada (AABB) nos dois últimos versos de cada estrofe. O sujeito poético tem o amor como objetivo da sua vida, apresenta a exaltação da mulher e o refúgio na natureza característica pertinente do romantismo, além disso, a figura da mulher é posta como um ser que transita entre a pureza e a perdição.

## 5 A prosa de Almeida Garrett

Em se tratando da prosa de Almeida Garrett é importante mencionar que ao longo da sua vida ele produziu diversas obras em diferentes gêneros, porém é necessário destacar

que sua instrução era de acordo com os moldes neoclássicos e que ele nunca abandonou esse modelo literário nem mesmo depois do contato com o romantismo inglês, por isso suas obras, a partir do ano 1825, são marcadas por um hibridismo, ou seja, tem características tanto do arcadismo quanto do romantismo. Como apresentam os escritores Abdala e Paschoalin:

Sua inclinação para o Romantismo não foi radical: alinou-se entre os escritores sociais que estabeleceram uma linha de continuidade entre os ideais libertários do Iluminismo e do Romantismo. Não há, pois, ruptura acentuada entre suas produções catalogadas dentro do Arcadismo e do Romantismo (ABDALA JR; PASCHOALIN, 1990, p. 82).

Assim como sua poesia, merece destaque sua prosa de ficção a qual é representada por três obras: o romance histórico *O Arco de Santana* (1845-1850), *Viagens na minha terra* (1846) e *Helena*, a qual não será abordada por ser uma obra inacabada.

### **5.1 Romance histórico *O arco de Santana***

O seu romance histórico, *O Arco de Santana*, foi escrito durante o cerco do porto, em 1832 e Garrett teve como inspiração o capítulo da Crônica de D. Pedro I, de Fernão Lopes, em que D. Pedro açoita o bispo. A narrativa ocorre durante o século medieval XIV, no medievo, e passa-se no Porto, assim como apresenta Massaud Moisés (1962, p. 131):

A narrativa transcorre no Porto do século XIV, em torno do seguinte núcleo: um cavaleiro abusara da hospitalidade dum família judia na pessoa de sua filha, Ester, e desaparecera, deixando-lhe nos braços um menino, de nome Vasco; anos mais tarde, o cavaleiro torna-se o bispo contra quem se arma uma revolta, chefiada por Vasco e alimentada pelo ódio da bruxa de Gaia, na qual se transforma a inocente Ester; vitoriosa a rebelião, dá-se o reconhecimento das personagens, e o bispo enche-se de pavores e remorsos; submetido o caso ao juízo do rei, o bispo é desterrado para Flandres, e “lá se fizera monge e acabara em santa vida”; quanto a Ester, “abjurou o judaísmo, e com ele seus implacáveis e vingativos ódios”, finalmente Vasco e Gertrudes casam-se.

*O Arco de Santana* não é considerada uma das mais importantes novelas históricas e não apresenta um conteúdo ficcional inovador, mas o professor Massaud Moisés (1962, p.131) nos aponta que a narrativa logra interessar o leitor e foge do esquecimento graças às qualidades do superior talento de Garrett, expressas numa linguagem já moderna, livre e fluente, pintalgada de humor, ironia e agudas observações, na qual certamente se abeberou Machado de Assis.

### **5.2 Analisando o romance *Viagens na minha terra* segundo a estética do Romantismo**

*Viagens na minha terra* é aquela que consideramos uma das produções mais espetaculares de Almeida Garrett. Percebemos que por meio dela se modernizou a prosa em Portugal; em sua produção foram utilizados vários tipos de linguagem: clássica, informal, dramática e jornalística. Esse *métier* possibilitou um afastamento da linguagem da tradição clássica que predominava na época. Além disso, o escritor recorreu ao método digressivo para fazer diversas reflexões e críticas sobre a política, literatura, cultura, amor, religião e o estado precário em que Portugal se encontrava, mas também trouxe vários estrangeirismos provenientes da cultura Inglesa e Francesa as quais teve contato durante o exílio, ademais é visível a mistura de diversos gêneros textuais, impossibilitando classificá-la em uma só categoria. Sobre o livro, Massaud Moisés escreve:

Com as viagens na minha terra, Garrett inicia a modernização da prosa literária em Portugal: seu exemplo frutificou, especialmente na ficção de *Eça De Queirós*. O estilo Garretiano liberta-se do espartilhamento clássico, torna-se maleável, rico e plástico, faz corpo com as ideias e as emoções transmitidas (2008, p. 132).

A princípio *Viagens na minha terra* foi publicada em folhetim na *Revista Universal Lisbonense* (1843) e editada em volume em 1846. O livro contém 49 capítulos os quais estão divididos em dois momentos: no primeiro, o narrador descreve a viagem física que ocorreu em 1843 de Lisboa a Santarém a convite do político Passos Manuel. Esse aspecto da narrativa é semelhante com a viagem que o próprio autor fez no mesmo ano; no segundo momento é introduzido o idílio amoroso entre Joanhina e Carlos. Assim, no primeiro momento, é descrito toda a paisagem, mas também são feitos alguns comentários sobre os transportes que foram utilizados e diversas reflexões acerca do que se vê e se ouve no caminho. No trecho a seguir o narrador apresenta suas intenções ao fazer a viagem:

Eu muitas vezes, nestas sufocadas noites de estio, viajo até minha janela para ver uma nesguita de Tejo que está no fim da rua, e me enganar com uns verdes de árvores que ali vegetam sua laboriosa infância nos entulhos do Cais do Sodré. E nunca escrevi estas minhas viagens nem as suas impressões, pois tinham muito que ver! Foi sempre ambiciosa a minha pena: pobre e soberba, quer assunto mais largo. Pois hei de dar-lho. Vou nada menos que a Santarém: e protesto que de quanto vir e ouvir, de quanto eu pensar e sentir se há de fazer Crônica (GARRETT, 2012, p. 11).

Durante seu relato de viagem, Garrett também fala sobre a importância da sua obra, como podemos ver no seguinte trecho:

Essas minhas interessantes viagens hão de ser uma obra prima, erudita, brilhante, de pensamentos novos, uma cousa digna do século. Preciso de do dizer ao leitor, para que ele esteja prevenido; não cuide que são

quaisquer dessas rabiscaduras da moda que, com o título de Impressões de Viagem, ou outro que tal, fatigam as imprensas da Europa sem nenhum proveito da ciência e do adiantamento da espécie. Primeiro que tudo, a minha obra é um símbolo... é um mito, palavra grega, e de moda germânica, que se mete hoje em tudo e com que se explica tudo... Quanto se não sabe explicar (GARRETT, 2012, p. 16).

A narrativa não consiste apenas em um simples relato de viagens assim como o autor diz no trecho anterior; pois, no decorrer da obra, ele com suas divagações, critica a literatura, a política, a sociedade de Portugal e faz diversas alusões a escritores da era clássica, demonstrando sua riquíssima bagagem de conhecimento e erudição. Em uma das inúmeras reflexões é possível notar a admiração que o autor tinha pelo escritor Camões quando ele escreve: “Desde que entendo, que leio, que admiro *Os Lusíadas*, entorneço-me, choro, ensoberbeço-me com a maior obra de engenho que apareceu no mundo, desde a *Divina Comédia* até ao *Fausto*.” (GARRETT, 2012, p. 30). Neste outro trecho é observável a referência que ele faz ao romantismo o qual Garrett acreditava que contribuiu na evolução da sociedade: “Não havia então românticos nem romantismo, o século estava muito atrasado. As odes de Victor Hugo não tinham ainda desbancado as de Horácio (...) chorava-se com as *Tristes* de Ovídio, porque se não lacrimejava com as meditações de Lamartine.” (GARRETT, 2012, p. 31).

Como já foi mencionado, é essencial lembrar que apesar de Garrett ter se debruçado nas obras de renomados escritores românticos o autor nunca se considerou um romântico, não igual aos ultrarromânticos, como é citado em um momento na narrativa: “E eu não sou romanescos. Romântico, Deus me livre de o ser – ao menos, o que na algaravia de hoje se entende por essa palavra.” (GARRETT, 2012, p. 41)

Depois das mais variadas observações, a narrativa passa para o seu segundo momento, em que é introduzida, no décimo capítulo, a novela romântica dos primos Joanhinha dos rouxinóis, porém antes de tomar conhecimento dessa estória, o narrador exalta o vale de Santarém, exposto no trecho a seguir:

Cá estamos num dos mais lindos deliciosos sítios da terra: vale de Santarém, pátria dos rouxinóis e das madressilvas, cinta de faias belas e de loureiros viçosos. Disto é que não tem Paris, nem França, nem terra alguma do ocidente senão a nossa terra, e vale bem por tantas cousas que nos faltam (GARRETT, 2012, p. 47).

A maneira como o escritor descreve o vale de Santarém, exaltando a natureza e as qualidades da sua terra natal, enfatizando que a beleza do local não há em outro lugar a não ser no vale de Santarém, é perceptível a presença do seu nacionalismo, levando em

consideração que Garrett era um dos representantes da primeira geração em que predominava o patriotismo. Além do mais, faz referência ao bucolismo presente no arcadismo.

Depois dessa descrição, o narrador se depara com uma janela pela qual fica enfeitado, assim começa levantar hipóteses acerca de quem morou na casa e pôde contemplar aquela paisagem através daquela janela. Enquanto ele estava absorto em seus pensamentos e idealizações de um romance, havia dois Rouxinóis disputando o canto no que o fez recordar-se do *Rouxinol* de Bernardim Ribeiro<sup>4</sup>. Em meio ao cenário: “o arvoredor, a janela, os rouxinóis (...)” o autor se questiona sobre o que falta para completar o seu romance e a partir disso ele diz:

Um vulto feminino que viesse sentar-se àquele balcão – vestido de branco – oh! Branco por força... a frente descaída sobre a mão esquerda, o braço pendente, os olhos alçados ao céu... De que cor os olhos? Não sei, que importa! É amiudar muito demais a pintura, que deve ser grandes e largos traços para ser romântica, vaporosa, desenhar-se no vago da idealidade poética... (GARRETT, 2012, p. 49).

No trecho apresentado é perceptível a presença da manifestação da criatividade do autor por meio da subjetividade, porquanto o narrador apresenta o mundo objetivo a partir do que ele sente e imagina; essa descrição do vulto e o canto dos rouxinóis apenas ao olhar a janela expressam a liberdade que os escritores passaram a ter no romantismo.

Continuando o relato, o narrador toma conhecimento do romance entre Joanhinha dos rouxinóis e Carlos por meio de um companheiro de viagem. Esse idílio amoroso transcorre no ano de 1832, período marcado pela guerra entre os liberais aliados a D. Pedro I os quais representavam a burguesia e defendiam uma monarquia constitucional em oposição aos absolutistas que tinha como representante D. Miguel o qual defendia que todo o poder deveria estar na mão do rei. O romance desenrola-se em torno de uma velha chamada dona Francisca, a qual depois da morte dos seus filhos ficou responsável por cuidar dos seus dois netos: Joanhinha e Carlos. A velha recebia ajuda do Frei Dinis que frequentava a sua casa toda semana, porém o neto não gostava desse homem. No ano de 1830, quando Carlos conclui o curso de direito, vai para casa e declara que é contra o regime absolutista de D. Miguel e expõe seu apoio a causa liberal, mas o frei franciscano não apoia sua decisão, em decorrência disso o jovem briga com ele e exila-se na Inglaterra. Como vemos, Garrett, sempre ligado às suas raízes, retoma a história de Portugal,

---

<sup>4</sup> *Menina e Moça*, primeira novela pastoril da península ibérica, 1554, vemos aqui como Garrett sempre valoriza a história e a cultura de Portugal.

valorizando-a. Ao saber que o neto foi embora, dona Francisca se tranca no quarto e chora durante três dias e fica cega. Os anos passam e a família recebe a notícia de que Carlos faz parte do exército de D. Pedro I. Em seguida, na narrativa, ocorre a retirada de 11 de outubro e o vale de Santarém é usado como base militar pelas tropas de D. Miguel. No desenvolver da história, é possível identificar o porquê de Joanhina ser chamada de menina dos rouxinóis, pois ela foi apelidada pelos soldados que estavam no vale de Santarém, visto que naquela janela, a qual o narrador ficou enfeitiçado, enquanto a menina dos olhos verdes ficava olhando o pôr do sol, os rouxinóis ficavam cantando ao seu redor. Mesmo exagerando nas tintas do sentimento, o autor nos sugere resistência na luta do povo português, seu foco principal.

Quando Carlos chega ao vale de Santarém, reencontra sua prima dormindo e enquanto estava adormecida havia um rouxinol acompanhando-a com seu canto comparado as endechas, isto é, as melodias suaves ou tristes. Nesse momento é possível observar a presença do sentimentalismo, pois a forma como o autor apresenta o canto do rouxinol como se ele estivesse apaixonado, presenciando o reencontro dos primos como podemos ver no trecho:

(...) já o rouxinol tinha tornado ao seu canto, e não suspendeu outra vez agora, antes redobrou de trilos e gorjeios, e do mais alto de sua voz agudíssima veio descaindo depois em uns suspiros tão magoados, tão sentidos, que não disseras senão que a preludiava a mais terna e maviosa cena de amor que este vale tivesse visto (GARRETT, 2012, p. 90).

É nesse ambiente de guerra e romance que Joanhina reencontra seu primo o qual se encanta por ela, em um dos encontros é visível a manifestação romântica quando as personagens expressam os diversos sentimentos humanos no enunciado: “Abraçaram-se, e desta vez frouxamente; beijaram-se de um ósculo tímido e recatado... os beijos de ambos estavam frios, as mãos trêmulas; e o coração comprimido batia, batia-lhes tão forte que se ouvia” (GARRETT, 2012, p. 114).

No desenrolar dos acontecimentos, Carlos é ferido na guerra e é levado ao convento pelo frei, quando ele acorda encontra sua mulher Georgina, a inglesa. Ambos conversam e ela revela que já sabe sobre o romance entre Carlos e a prima, expõe que não o ama mais e que ele pode ficar com Joanhina – esse sacrifício é recorrente no romantismo. Em meio a esse reencontro, frei Dinis surge, Carlos se exalta, começa a maldizê-lo e pega o castiçal para matá-lo; entretanto, quando ele vai agredir o frei, sua avó entra no quarto e revela o segredo que ela e o frei guardavam: “filho, meu filho!” (...) é teu pai, meu filho. Este

homem é teu pai, Carlos.” (GARRETT, 2012, p. 148). Dessa forma, frei Dinis, que antes era conhecido como Dinis de Ataíde, explica que era amante da mãe de Carlos e, quando o suposto pai do jovem descobriu, tentou assassiná-lo; porém, durante a emboscada, o frei reagiu e matou os dois homens que tentavam agredi-lo, contudo só descobriu que havia assassinado o pai e o tio de Carlos quando foi jogar os corpos no rio. Ao saber desse acontecimento trágico com o marido e o irmão, a mãe de Carlos morre de desgosto. Durante o clímax é visível a manifestação da linguagem teatral mais dramática que Garrett tanto gostava.

No desenvolver da novela Garrett não abandona suas divagações, continua a viagem e, chegando a Santarém, ao se deparar com o estado precário e o abandono da arquitetura histórica de Portugal, critica a política vigente dos representantes burgueses que não valorizam a herança cultural dos monumentos daquele local. No enunciado a seguir é possível perceber seu desgosto com a situação:

Santarém é um livro de pedra em que a mais interessante e mais poética parte das nossas crônicas está escrita. Rico de iluminuras, de recortados, de florões, de imagens, de arabescos e arrendados primorosos, o livro era o mais belo e o mais precioso de Portugal. (...) Mas esta Nínive não foi destruída, esta Pompeia não foi submergida por nenhuma catástrofe grandiosa. O povo, cuja história ela é o livro, ainda existe; mas esse povo caiu em infância, deram-lhe o livro para brincar, rasgou-o, mutilou-o, arrancou-lhe folha a folha, e fez papagaios e bonecas, fez carapuços com elas (GARRETT, 2012, p. 128).

Apesar de o escritor ter contribuído e participado das revoluções liberais que marcaram a ascensão da burguesia, ele não apoia a forma como essa nova política gere o país, visto que os liberais desviaram-se do seus valores, assim ele fica completamente indignado pois, como bom patriota, ele prezava pela memória cultural e histórica da sua pátria. Em um dos trechos o autor pede para se reconciliar com Santarém e diz:

Ai Santarém, Santarém! abandonaram-te, mataram-te, e agora cospem-te no cadáver. Santarém, Santarém! levanta a tua cabeça coroada de torres e de mosteiros, de palácios e de templos! Mira-te no Tejo, princesa das nossas vilas: e verás como eras bela e grande, rica e poderosa entre todas as terras portuguesas. Ergue-te, esqueleto colossal da nossa grandeza, e mira-te no Tejo: verás como ainda são grandes e fortes esses ossos desconjuntados que te restam. Ergue-te, esqueleto de morte; levanta a tua foice, sacode os vermes que te poluem, esmaga os répteis que te corroem, as osgas torpes que te babam, as lagartixas peçonhentas que se passeiam atrevidas por teu sepulcro desonrado. Ergue-te, Santarém, e diz ao ingrato Portugal que te deixe em paz ao menos nas tuas ruínas, mirrar tranquilamente os teus ossos gloriosos; que te deixe em seus cofres de mármore, sagrados pelos anos e pela veneração antiga, as cinzas dos teus capitães, dos teus letrados e grandes homens. Dize-lhes que te não

vendam as pedras de teus templos, que não façam palheiros e estrebarias de tuas igrejas; que não mandem os soldados jogar a pela com as caveiras dos teus reis, e a bilharda com as canelas dos teus santos. Tiraram-te os teus magistrados, os teus mestres, os teus seminários... tudo, menos o entulho, e a caliça, as imundícies e os monturos que deixaram acumular em tuas ruas, que espalharam por tuas praças. Santarém, nobre Santarém, a Liberdade não é inimiga da religião do céu nem da religião da terra. Sem ambas não vive, degenera, corrompe-se, e em seus próprios desvarios se suicida (GARRETT, 2012, p. 154).

Já no final do seu relato de viagens, o narrador retorna ao vale de Santarém, visita a casa que Joanhina morava, onde encontra dona Francisca e Frei Dinis, assim toma conhecimento do que aconteceu com Joanhina. Nesse momento o gênero passa a epistolar, sendo narrado pela personagem Carlos. Na carta ele faz revelações acerca do que viveu enquanto estava na Inglaterra e as relações amorosas que nutriu pelas três irmãs: Laura, Júlia e Georgina. Ademais, pede para que a prima o esqueça, despede-se e fala sobre seus planos futuros na política. Ao ler isso Joanhina enlouquece, morre e Carlos se torna barão.

Em um dos trechos da carta que Carlos escreveu, é notável a idealização da mulher, exaltação da beleza, pois a forma como o escritor descreve e atribui qualidades as personagens de forma exagerada, ou seja, essa idealização nos faz pensar que a personagem é um ser perfeito:

Laura não era alta nem baixa, era forte sem ser gorda, e delicada sem magreza. Os olhos de um cor de avelã diáfano, puro, aveludado, grandes, vivos, cheios de tal majestade quando se iravam, de tal doçura quando se abrandavam, que é difícil dizer quando eram mais belos. O cabelo quase da mesma cor tinha, demais, um reflexo dourado, vacilante, que ao sol resplandecia. ou antes, relampejava, — mas a espaços, não era sempre, nem em todas as posições da cabeça: — cabeça pequena, modelada no mais clássico da estatuária antiga, poisada sobre um colo de imensa nobreza, que harmonizava com a perfeição das linhas dos ombros (GARRETT, 2012, p. 183).

Tendo em vista as observações feitas até aqui, em *Viagens na Minha Terra*, Almeida Garrett teve como objetivo recuperar o passado heroico e grandioso de Portugal, por meio da viagem feita na qual descreveu e exaltou as paisagens e os monumentos históricos do país, mas também fez uma crítica ao atual governo liberalista de Portugal, demonstrando sua indignação e ao mesmo tempo se sentindo traído, pois ele contribuiu para que essa nova política fosse instaurada, mas os valores pelos quais lutou não foram colocados em prática, desviaram-se dos verdadeiros objetivos da causa. Além disso, cada personagem da sua ficção é uma representação simbólica de Portugal, usadas para explicar a história do país e as consequências da guerra. Ademais, outro aspecto importante é que a

todo momento o autor interage com o leitor chamando atenção: paciente leitor, leitor benévolo. Garrett como representante do romantismo da primeira geração, assim como os outros participantes, era engajado na política e tinha uma forte tendência ao nacionalismo, é possível perceber no livro tanto a presença da exaltação à pátria quanto a subjetividade, ambas características do romantismo, mas de forma contida, mas que quebrou a linguagem mais clássica o qual esse novo movimento romântico veio derrubar.

### **Considerações finais**

Levando em consideração as ideias mencionadas e as obras analisadas é possível observar que a prosa e poesia de Almeida Garrett apresentam as particularidades do romantismo português, ou seja, subjetividade, idealização, nacionalismo ou patriotismo, saudosismo, exagero sentimental e culto à natureza. Além do mais, por meio dos seus escritos podemos compreender a situação em que o país se encontrava e as mudanças que aconteceram na literatura portuguesa durante o século XVII até o século XIX, visto que os exílios sofridos pelo autor permitiram o seu contato com traços da nova escola literária, assim ao mesmo tempo em que vemos a dificuldade a qual o autor tinha para estar em contato com sua pátria por causa dos conflitos políticos, também é possível notar que essa situação motiva a recriação idealizada dos símbolos nacionais; além disso, o autor inova mais uma vez ao apresentar o folclore nacional demonstrando o amor a sua cultura, como também nos seus poemas mais amorosos os quais possuem um tom confessional de expressar a intensidade do amor entre um homem e uma mulher.

Em todas as obras observadas, tanto na prosa quanto na poesia, fica evidente a valorização da natureza, dos símbolos nacionais, o culto a saudade, o seu a valorização demasiada do passado diante das adversidades do seu país, e, sobretudo, o amor; ou seja, é uma mistura de imposição dos ideais motivados pelas revoluções sociais naquele momento com o sentimentalismo promovido pela lembrança e afastamento. Ademais, é perceptível verificar que Garrett era muito culto e usou todo seu conhecimento e suas experiências de vida para produzir suas obras e isso permitiu que elas apresentassem e refletissem sua personalidade enquanto escritor e o amor que ele tinha por sua pátria, motivos que contribuíram para tornar seus livros tão significativos e marcantes de transição de um período para outro, assim deixando um legado na literatura portuguesa com grandes produções clássicas.

## REFERÊNCIAS

- ABDALA JR, Benjamin; PASCHOALIN, Maria Aparecida. *História social da literatura portuguesa*. São Paulo: Ática, 1990.
- GARRETT, Almeida. *Camões*. 5 ed. Lisboa: Imprensa Nacional, 1858. Disponível em: <http://purl.pt/17/3/#/41>. Data de acesso: 11 de out. 2019.
- \_\_\_\_\_. *Viagens na minha terra*. Porto Alegre: L&PM, 2012
- \_\_\_\_\_. *Folhas caídas*. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000011.pdf>. Data de acesso: 05 de out. 2019.
- LOURENÇO, Eduardo. Da literatura como interpretação de Portugal (De Garrett a Fernando Pessoa). In: \_\_\_\_\_. *O Labirinto da Saudade – Psicanálise mítica do destino português*. 3 Ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1988, p. 79-118.
- MOISÉS, Massaud. Romantismo (1825-1865). In: \_\_\_\_\_. *A literatura portuguesa*. 31 ed. São Paulo: Cultrix, 1962, p. 111-154.
- \_\_\_\_\_. Romantismo. In: \_\_\_\_\_. *A literatura portuguesa através dos textos*. São Paulo: Cultrix, 2012, p. 233-293.
- \_\_\_\_\_. *A literatura Portuguesa*. São Paulo: Cultrix, 2008.
- REIS, Carlos; PIRES, Maria da Natividade. Almeida Garrett e a Fundação do Romantismo Português. In: \_\_\_\_\_. *História Crítica da Literatura Portuguesa*. Vol. V: O Romantismo. Lisboa: Verbo, 1999, p. 55-100.